



**Dossiê: Experiências instituintes de pesquisa e formação docente:
diálogos latino-americanos**

**Encontros de *vidapesquisaformação* com a documentação narrativa de experiências
pedagógicas**

*Encuentros de vida investigación formación con la documentación narrativa de experiencias
pedagógicas*

Inês Ferreira de Souza Bragança
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Campinas - Brasil

Juliana Batista Faria
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte - Brasil

Resumo: O artigo discute encontros de *vidapesquisaformação* das autoras com a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas, no lugar de professoras e mediadoras do dispositivo, especialmente no caminho percorrido pela pesquisa em rede “Experiências instituintes de formação docente, uma abordagem narrativa e (auto)biográfica” (CNPq, 2022). Tomando como referência a *pesquisaformação*, no enredamento indissociável entre produção do conhecimento, formação humana e práxis pedagógica, alinhavamos contribuições do dispositivo para a pesquisa em educação e a formação docente, inicial e continuada, na América Latina. A escrita do texto assume metodologicamente o movimento de uma roda de conversa entre pesquisadoras que partilham experiências e reflexões proporcionadas pela investigação, dialogando com a arte, a literatura e a pesquisa em educação produzida em um rizomático movimento da rede.

Palavras-chave: Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas. Pesquisaformação. Formação de Professores.

Resumo: El artículo discute encuentros de *vida investigación formación* de las autoras con la Documentación Narrativa de Experiencias Pedagógicas, como docentes y mediadoras del dispositivo, en el camino de la red de investigación “Experiencias instituyentes de formación docente: un enfoque narrativo y (auto)biográfico” (CNPq, 2022). Tomando como referencia la *investigación formación*, en la inseparable articulación entre producción de conocimiento, formación humana y praxis pedagógica, alineamos contribuciones del dispositivo con la investigación en educación y la formación docente, inicial y continua, en América Latina. La escritura asume metodológicamente el movimiento de un círculo de conversación entre investigadoras compartiendo experiencias y reflexiones de la investigación, dialogando con el arte, la literatura y la investigación en educación producida en un movimiento rizomático de la red.

Palavras-chave: Documentación narrativa de experiencias pedagógicas. Investigación formación. Formación docente.

Sobre encontros

Encontro é alquimia entre dois, três, entre muitos; encontros permitem abraços, que foram tão desejados durante os anos de pandemia; fortalecem amizades antigas; produzem novas; favorecem a partilha entre gerações! Por tudo isso, a escrita desse artigo foi muito celebrada para socialização em um simpósio no X Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica (CIPA) realizado em maio de 2024.

Se encontro é alquimia, é preciso dizer que se faz em um território. O território do encontro que mobilizou a escrita desse artigo era a cidade de Salvador, estado da Bahia, ao qual retornávamos, depois de quase duas décadas desde a sua primeira edição, atendendo à convocatória de pensarmos outros modos de habitar a Terra, a vida, a pesquisa e a formação. E, no caso singular do simpósio ao qual o artigo se vinculava, tematizávamos as contribuições da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (DNEP) para a formação docente.

Havia outras dimensões do encontro a esperar... O tempo, que sempre nos acompanha e desafia... O desejo de que o tempo do Congresso, do Simpósio e desse texto fosse menos *cronos* – menos marcado, acelerado – e pudesse ser mais *aion*, pleno, inteiro, aberto às complexidades do humano. Mas, também, o encontro seria tempo de *trabalho*, pois estaríamos ali para dar continuidade a movimentos vividos por gerações que nos antecederam e que nos impulsionam ao devir de uma Terra habitável, acolhedora para todos.

Pois bem, em 2024, os abraços aconteceram, as conversas sobre a DNEP foram potencializadas pelo diálogo com outros/as pesquisadores/as desse dispositivo, muitas partilhas se fizeram no encontro entre as diferentes gerações que transitaram pelo X CIPA, e nós assumimos o compromisso de, no tempo *aion*, voltarmos a esse texto e repensá-lo para uma publicação.

Foi nesse movimento de encontros e reencontros, leituras e releituras, que produzimos o presente artigo, como uma narrativa que traz itinerâncias de aproximação e de experiências vividas no lugar de professoras-narradoras e como mediadoras do dispositivo da DNEP, especialmente, no caminho percorrido pela pesquisa em rede “Experiências instituintes de formação docente, uma abordagem narrativa e (auto)biográfica” (CNPq, 2022)ⁱ.

Tomando como referência a *pesquisa formação*ⁱⁱ, no enredamento indissociável entre produção do conhecimento em educação, formação humana e práxis pedagógica,

alinhavamos, como resultados parciais – porque sempre em processo –, contribuições da DNEP para a pesquisa em educação e a formação docente, inicial e continuada, na América Latina. Cabe destacar que os movimentos de pesquisa dessa rede se tecem em rodas de conversa, diálogos e escritas de narrativas (auto)biográficas individuais e coletivas dos pesquisadores. Nesses movimentos, a conversa é tomada como caminho metodológico de pesquisa com os cotidianos (Ribeiro; Souza; Sampaio, 2018) e os sujeitos que se encontram para conversar se fazem presentes nas narrativas da produção acadêmica de cada participante ou de cada grupo.

Nesse sentido, as vozes deste artigo se apresentam ora na primeira pessoa do singular, identificando o gesto de escrita mobilizado na narração de experiências da autora pesquisadora que assume o protagonismo na enunciação do *textoconversa*, ora na primeira pessoa do plural, ao materializar experiências e produção de conhecimento que se tecem coletivamente nos movimentos de leitura, releitura e reescrita do texto pelas próprias autoras. Entretanto, há mais do que duas vozes no plural encarnado por nossas palavras. Há coletivos de docentes-pesquisadores e estudantes que participam das experiências pedagógicas e de pesquisa aqui narradas e que sustentam bases *epistemopolíticas*, culturais e sociais do conhecimento produzido em nossos territórios, no Brasil, e em diálogo interterritorial, pela América Latina.

Esse texto configura-se, pois, como uma produção que busca visibilizar e/ou reverberar, pelas narrativas das pesquisadoras autoras, o movimento da roda de conversa, tomado como modo de viabilizar encontros de *vidapesquisaformação* no processo *investigativoformativo* propiciado pela rede e como modo de dar a *verpensarsentir*, na produção acadêmica, encontros entre sujeitos coletivos. Na pesquisa em rede, de modo geral, é no enredamento coletivo das narrativas produzidas pelos participantes, em diferentes suportes, gêneros e produções discursivas e imagéticas, que pretendemos compor um inventário de concepções e práticas instituintes de formação docente que nos possibilitará caracterizar e publicizar abordagens narrativas e (auto)biográficas, no âmbito da formação inicial e continuada, no Brasil e na América Latina.

Após essas primeiras palavras, seguimos apresentando a rede de pesquisa, narramos as experiências das autoras pesquisadoras com o dispositivo e finalizamos com os

deslocamentos *epistemopolíticos* que a participação na pesquisa em rede nos permite vivenciar.

Uma *pesquisa em rede* ou uma *rede de pesquisa* sobre experiências instituintes de formação docente e a Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas

Em uma multiplicidade de *espaçotempos*, movimentos e encontros, professores, pesquisadores, narradores do Brasil, Argentina, Colômbia, Peru, Uruguai e México, que, de diferentes formas, partilham militância *epistemopolítica* e *concepçõespráticas* de formação docente, uniram-se, por meio de um Edital do CNPq, para desenvolver uma proposta coletiva de investigação, desejosos de uma tessitura coletiva. E, assim, em 2022, delineamos uma *pesquisa em rede*, contando com um projeto aprovado, objetivos, referenciais *teoricometodológicos*, dispositivos de trabalho e financiamento.

Durante o ano de 2022, “para além dos processos de produção de conhecimentos e formação envolvidos na pesquisa, a alquimia dos encontros foi gerando a tessitura rizomática de uma *rede de pesquisa*... [...]” (Suárez *et al.*, 2025). Assim como na tessitura de intriga (Ricoeur, 2010), múltiplos fios e cores compuseram uma rede, com narrativas pulsantes e vivas, produzidas com o objetivo de inventariar, caracterizar e publicizar concepções e práticas *instituintes* de formação docente, em abordagens narrativas e (auto)biográficas, no âmbito da formação inicial e continuada no Brasil e na América Latina (<https://pesquisasemrede.wordpress.com/>).

Em cada encontro temos partilhado narrativas orais e escritas do que vivenciamos em nossos coletivos, o que nos possibilita cartografar experiências de formação, de modo especial, aquelas tecidas nas brechas dos cotidianos e na companhia da professora Célia Linhares, entendidas como instituintes:

[...] sempre em “devir”, pisando em um terreno movediço, sem certezas e comprovações da história, mas enfrentando e infiltrando-se nas tramas instituídas, aproveitando frestas e contradições é assim que afirmam a outridade, o lugar da experiência, como criação interminável da própria vida, da sociedade e da existência e, portanto, com um potencial de surpreender-nos de modos infinitos (Linhares, 2007, p.157-158).

Nos contextos históricos e sociais que habitamos, na relação com a natureza e com muitos outros que nos atravessam, vamos produzindo vida, cultura, nos (trans)formando, em um permanente vir a ser que envolve e implica a formação humana e docente. Buscamos, assim, estar com todos os sentidos atentos ao que pode mobilizar potências de fazeres

mínimos, cotidianos, fortalecendo (re)existências coletivas. E, ao olhar para a América Latina, encontramos movimentos comprometidos com dimensões pedagógicas, políticas e éticas que traduzem esses sentidos e que precisam ser cartografados.

Adotamos a perspectiva freiriana de formação, que só é possível no seio de uma educação problematizadora, construída em meio a relações dialógicas entre educandos, educadores e o mundo. De forma coerente com essa perspectiva, buscamos uma *práxis* investigativa de reflexão e ação transformadora, “fonte de conhecimento reflexivo e criação” (Freire, 2005). Com Paulo Freire, desde a década de 1960, estão documentadas ações que envolvem a partilha oral e escrita de experiências de vida e formação de estudantes e professores. No contexto de abertura política, após ondas de governos militares e ditatoriais em diversos países, os coletivos docentes mobilizaram encontros, favorecendo, por meio de expedições pedagógicas, o intercâmbio intercultural de saberes docentes com imersão nos cotidianos escolares. Além disso, há 33 anos, esses profissionais buscam registrar suas experiências pedagógicas em narrativas discutidas em processos nacionais e internacionais de leitura entre pares, realizados previamente nos encontros ibero-americanos, que já percorreram vários países.

O primeiro encontro Ibero-Americano ocorreu na Espanha em 1992, no México em 1999, na Colômbia em 2002, no Brasil em 2005, na Venezuela em 2008, na Argentina em 2011, no Peru em 2014, no México em 2017, e em 2020 ocorreu de forma virtual (devido a pandemia da Covid-19) sob a coordenação da Colômbia, enquanto rede convocante (Trindade, 2023, p. 54).

Esses *espaçostempos* para intercambiar experiências pedagógicas nos possibilitam, como latino-americanos, conhecer os movimentos (ou as experiências) instituintes que “tendem a alterar, diferir e criar uma outra escola, em articulação com uma outra sociedade, também mais justa, mais amorosa, mais incluyente e mais plural, superando e ultrapassando aquelas formas de dominação e manipulação político-pedagógicas” (Linhares, 2007, p. 139). A narrativa favorece o intercâmbio, na medida em que participa do processo de investigação e formação, e possibilita que esses movimentos e os saberes dos sujeitos que os protagonizam sejam publicizados e reconhecidos, ao se tornar produto das investigações.

No âmbito da formação docente, as narrativas (auto)biográficas favorecem um círculo virtuoso de interrogações ontológicas, políticas, estéticas e pedagógicas. Perguntamos sobre os modos como nos fazemos gente no mundo, nos unimos em coletivos docentes narradores, sentimos e damos a sentir conhecimentos pedagógicos em partilha. Dessa forma, perspectivamos o campo das pesquisas narrativas e (auto)biográficas, como mais que um método e assumimos a

Encontros de vida pesquisa formação com a documentação narrativa de experiências pedagógicas

intencionalidade de um projeto de sociedade e de formação humana, reafirmando possibilidades de construção partilhada do conhecimento pedagógico, implicado na vida que pulsa [...] (Faria; Bragança, 2023, p. 92-93).

No cenário de movimentação instituinte do contexto latino-americano, destaca-se o dispositivo da Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas (Suárez, 2016) já presente em diversos países. Na *Red de Formación Docente y Narrativas Pedagógicas*, vinculada à *Facultad de Filosofía y Letras* da *Universidad de Buenos Aires* (UBA), um coletivo de professores coordenado pelo Professor Daniel Suarez desenvolve movimentos de investigação-extensão-docência, em um diálogo entre universidade e escolas. A perspectiva de experiência pedagógica assumida por esse dispositivo é atravessada pela dimensão conversacional e coletiva, também freiriana, da formação entre pares, em que a narrativa se torna mediadora de um processo de produção de conhecimento em partilha, reveladoras de dimensões sociais, culturais e políticas:

De este modo, el programa de extensión universitaria en red funciona como dispositivo de co-investigación y de diálogo entre el campo de la investigación académica -que vive y concibe la investigación como experiencia singular/colectiva- y el campo de la praxis pedagógica -que realiza y documenta la experiencia e indaga y recrea su lenguaje por vía narrativa. Y también se perfila como un tiempo-espacio de co-formación, tanto de los docentes —que narrando sus propias experiencias la investigan y se forman—, como también del propio equipo de investigación – que aprende junto a otros mediante relaciones horizontales de coparticipación, replegándose de la pretensión de clausurar el proceso interpretativo con la propia interpretación (Suárez, 2023, p. 5).

Perspectivamos, assim, atravessamentos rizomáticos entre a produção do conhecimento pedagógico que se dá no chão da escola, nas práticas sociais e na universidade, entre professores-narradores-pesquisadores da escola e da universidade, em processos horizontais e dialógicos de formação, investigação e ação em partilha. O desenvolvimento da DNEP inclui “[...] *prácticas narrativas y autobiográficas para que los participantes tengan la oportunidad de relatar historias acerca de su práctica docente, y para que esas formas de interpretación del mundo escolar sean puestas en escritura, indagación, deliberación pública y cambio*” (Suárez, 2016, p. 482), bem como movimentos recursivos de escrita de narrativas pedagógicas, leitura, comentários entre pares, edição e publicização, favorecendo a produção partilhada de conhecimentos pedagógicos. “*En particular, le interesa activar la memoria pedagógica de la escuela y ‘profundizar narrativamente’ el discurso público acerca de la*

educación mediante la producción, publicación y circulación de relatos de experiencias pedagógicas escritos por docentes” (Suárez, 2016, p. 482, aspas do autor).

Ao documentar gestos mínimos do cotidiano da vida e da docência pela América Latina, táticas (Certeau, 2008), inéditos viáveis (Freire, 2005), tecemos insubordinações instituintes na pesquisa e na formação docente inicial e continuada.

No âmbito da rede de pesquisa, tendo como referência a DNEP, ministramos, em 2022, uma disciplina eletiva, no curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP), aberta a estudantes de todas as licenciaturas. Em 2024, realizamos trabalho de campo em Buenos Aires, vivendo, na posição de professoras-narradoras e mediadoras, aproximações e ensaios de DNEP.

Buscando preservar a experiência singular de cada autora desse texto e construir uma posição enunciativa que possa nos colocar em conversação na tessitura das intrigas, compartilharemos essas experiências, a partir do olhar de cada uma, na primeira pessoa do singular, enredando uma, outra e outros na primeira pessoa do plural sempre que nossas ações e nossos laços afetivo-intelectuais sejam mobilizadores da experiência narrada. Em nossas narrativas (auto)biográficas, reconhecemo-nos como pesquisadoras que partilham experiências e reflexões proporcionadas pela DNEP, dialogando com a arte, a literatura e a pesquisa em educação produzida em um rizomático movimento da rede.

Documentação narrativa de experiências pedagógicas: produção coletiva de estudantes da Faculdade de Educação da UNICAMPⁱⁱⁱ

Coração de estudante
Há que se cuidar da vida
Há que se cuidar do mundo
Tomar conta da amizade
Alegria e muito sonho
Espalhados no caminho
Verdes, planta e sentimento
Folhas, coração, juventude e fé
Coração de Estudante^{iv}, Milton Nascimento

¿Como llegué hasta aquí? Desde o período em que vivenciei intensamente as atividades da *Red de Formación Docente y Narrativas Pedagógicas*, por ocasião de meu doutorado-sanduíche na UBA (nos anos 2016 e 2017), até os dias atuais, foram muitas as vezes em que me dediquei a escrever a narrativa sobre “como cheguei até aqui”. Ao iniciar o presente

texto conversa com Inês Bragança, busquei revisitar os guardados da minha tese (Faria, 2018), da época em que eu vivenciava a condição de estudante em terras estrangeiras. Encontrei minha primeira escrita dessa natureza, feita em um seminário^v conduzido por Daniel Suárez e por Carmen Sanches em *Tilcara*, na província de *Jujuy*, quando eu ainda tateava o espanhol e me sentia profundamente emocionada por um movimento de *vida pesquisa formação* que apenas começava. Na versão rascunho (*borrador*), eu brevemente contava que, em meio às inquietações do doutorado e às dificuldades da docência, o amor do meu marido e o tango haviam me levado a Buenos Aires.

Eu me lembro como se fosse hoje que o “amor”, nos comentários feitos por Daniel, Carmen e outras pessoas que cursavam a disciplina, foi uma das palavras tomadas como “núcleo de sentidos” (Bustelo, 2016; Suárez *et al.*, 2021) da minha experiência e foi levado muito a sério como algo que poderia se expandir e se adensar narrativamente. Em termos pedagógicos, a amorosidade freiriana foi trazida à interpretação do que significaria para uma professora da educação básica, que se dizia adoecida com o que estava vivenciando na escola, estar naquele lugar, ampliar sua formação acadêmica e se dispor a uma mudança de vida no período em que estaria ali. O afeto, tomado como força expressiva do relato, na relação com o marido e com a docência, tornou-se tema de uma conversação que, ao indagar meu texto de forma respeitosa e curiosa, ampliou as possibilidades de escrita para minha narrativa e isso repercutiu no modo como escrevi outras versões do relato. Trago esse exemplo da palavra “amor” para enfatizar que esse modo de reconhecer e indagar as palavras que genuinamente escolhemos para compor nossas narrativas diz muito do que a DNEP vislumbra em termos da construção de discursos pedagógicos baseados no saber da experiência docente:

[...] Nossas palavras eram consideradas legítimas como experiência. Os sentidos de nossas palavras eram cuidadosamente indagados para servir ao relato de nossas experiências pedagógicas, de tal maneira que não tínhamos que prestar reverência a nenhum postulado ou filiação teórica, tampouco preocupar-nos com algum pré-julgamento advindo de nossas práticas. Éramos um grupo de docentes que, escrevendo, refletindo e conversando sobre nossas escritas, sob determinadas condições e com uma série de cuidados metodológicos tomados, e ensinados, pela equipe de investigação e coordenação do processo, aprendíamos a reconhecer e refletir sobre a autenticidade de nossas experiências, em um esforço de superação do medo – ou do autoritarismo – de dizer nossa palavra. Com isso, outros sentidos e interpretações de nossa experiência educativa escolar se desanuviavam, se reconstruíam, se reelaboravam. Com isso, escolhíamos manter as palavras no relato, retirar ou colocar as aspas delas, ou simplesmente escolher outras palavras que pudessem expressar os (novos) sentidos compartilhados (Faria, 2018, p. 138).

Foram intensas as experiências vivenciadas com a DNEP nesse sentido. Voltei para o Brasil com a certeza de pertencer à América Latina e a necessidade de seguir cultivando espaços de *vidapesquisaformação* que ultrapassassem as fronteiras do instituído para criar maneiras de vivenciar a educação que se fizessem na potência instituinte dos movimentos de partilha, de coletividade e de solidariedade, em redes que se tecem com o fio da amorosidade freiriana. O encontro com Inês Bragança também foi tecido com esse fio: na leitura da sua tese, publicada em livro (Bragança, 2012), conheci uma autora com quem desejei dialogar em minha banca de qualificação. Ao conhecê-la pessoalmente, encontrei uma professora pesquisadora admirável, sensível e aberta a compartilhar o saber e a vida. Desde então, seguimos juntas em movimentos instituintes de *pesquisaformação*.

O trabalho realizado em 2022 com estudantes da Faculdade de Educação da UNICAMP foi proposto para meu estágio no Programa de Pesquisador de Pós-Doutorado da instituição, no contexto da referida pesquisa em rede, e teve por objetivo tematizar e desenvolver estratégias de leitura, escrita, edição e publicização de narrativas pedagógicas na formação inicial de professoras e professores da educação básica. Orientada pelo dispositivo da DNEP, nossa investigação buscou adaptá-lo ao contexto da formação inicial docente, já que costumeiramente ele se desenvolve na formação continuada de professores. As referências com as quais trabalhamos para pensar as narrativas pedagógicas foram tanto os trabalhos produzidos pelo Grupo *Memoria Docente y Documentación Pedagógica*, na Argentina, quanto os trabalhos produzidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC), no Brasil.

Ofertamos uma disciplina eletiva presencial de 60 horas no curso de Pedagogia da UNICAMP, intitulada “Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: produção coletiva de estudantes do curso de Pedagogia”. Em nossos encontros com os 18 estudantes participantes, buscamos realizar um trabalho que era prioritariamente dedicado às oficinas de leitura, escrita e “edição pedagógica” (Dávila, 2014) de narrativas produzidas pelas alunas^{vi} no *tempoespaço* da aula. Também foram feitas algumas rodas de conversa e aulas expositivas dialogadas sobre outras leituras sugeridas. Sempre iniciávamos os encontros com músicas latino-americanas que selecionávamos para mobilizar a sensibilidade estética e dar início a uma reflexão sobre nossas experiências de *vidapesquisaformação*.

Cada estudante produziu três narrativas pedagógicas, com determinada quantidade de versões (elaboradas após cada rodada de comentários orais ou escritos compartilhados entre pares) e propostas com diferentes enfoques (auto)biográficos. A primeira delas consistiu na escrita de “como cheguei até aqui”; a segunda, uma narrativa sobre uma fotografia do acervo pessoal que expressasse “uma experiência marcante da infância” de cada aluna; e a terceira, para a qual foram dedicados mais encontros, sobre “uma experiência pedagógica inesquecível”.

À medida que avançávamos no dispositivo, buscando manter os princípios epistemopolíticos da DNEP, construímos a compreensão de que era fundamental que as estudantes tomassem suas experiências pessoais, escolares e acadêmicas como formativas.

[...] Certa vez, para trazer algum conforto a essa produção que se mostrava um tanto desconcertante para quem ainda não percebia o valor do conhecimento que se produz na escrita de si, um *insight* nos fez dizer algo mais ou menos assim: “imagine que a sua narrativa será lida por uma estudante, como você, que vive situações parecidas (ou não) nesse lugar de quem se encontra em formação para ser professora. Compartilhe com essa estudante suas experiências, sejam elas pessoais, escolares ou acadêmicas, institucionalizadas ou não, do modo como você mesma gosta de contá-las! O que podemos te dizer de antemão é que, aqui, entre nós, teremos a possibilidade de partilhar reflexões pedagógicas em diálogo com a sua narrativa. E você poderá reescrevê-la quantas vezes quiser. E, por fim, torná-la pública somente se desejar”. Esse *insight* era o que buscávamos para compreender o lugar do que poderia ser considerado como experiência pedagógica para pessoas que ainda não exerciam, profissionalmente, a docência. Tais experiências, sendo objeto de reflexões pedagógicas partilhadas no coletivo, caracterizariam narrativas pedagógicas escritas, portanto, “de Estudante para Estudante” (Faria; Bragança; Domingos, 2024a, p. 26-27).

Ou seja, a produção das alunas traria ao mundo acadêmico histórias, olhares e saberes construídos pelas estudantes com e sobre suas experiências de formação e isso, para nós, significaria ampliar o repertório de narrativas pedagógicas que podem ser incorporadas à formação inicial de professores. De fato, podemos celebrar a publicação de um livro (Faria; Bragança; Domingos, 2024b) contendo 25 narrativas pedagógicas que o grupo selecionou para publicizar, bem como 4 (quatro) “tematizações pedagógicas” (Dávila, 2014; Suárez *et al.*, 2021; Faria; Bragança, 2025) coletivamente produzidas no “trabalho hermenêutico” (Ricoeur, 1994) com as narrativas.

A disciplina desencadeou uma série de sentimentos, emoções e comportamentos que, como professoras, víamos como aprendizagens valiosas para a formação das alunas. Como pesquisadoras coordenadoras do dispositivo, buscávamos canalizar nosso olhar para o

processo de edição pedagógica das narrativas e para a sistematização das criações éticometodológicas que foram fruto de nosso esforço de adaptação do dispositivo para o “território pedagógico” (Bustelo, 2016) da formação inicial docente na UNICAMP: a “carta do abraço” (Faria; Bragança, 2023), a “narrativa-presente” (em elaboração), o “círculo de questões geradoras” (em elaboração). Além dessas criações, sistematizamos o processo de tematização pedagógica, como movimento de trabalho hermenêutico com as narrativas (Faria; Bragança, 2025). Acreditamos que, uma vez publicizadas, essas criações poderão contribuir, como conhecimento produzido pela pesquisa, para inspirar outros dispositivos de *pesquisaformação* do campo das abordagens (auto)biográficas e narrativas em educação.

Comunidade de narradores: 40 anos de democracia na Argentina^{vii}

Como parte das atividades da pesquisa em rede, realizei um período de trabalho de campo em Buenos Aires. O plano de trabalho consistiu em dar continuidade à pesquisa em rede, favorecendo “o desenvolvimento e a imersão em *práticas-teorias-práticas instituintes* de formação docente, em um entrelaçamento entre formação inicial e continuada, com docentes da Região Metropolitana de Campinas (SP-Brasil), de Buenos Aires (Argentina) e de Cajamarca (Peru), em abordagens narrativas e (auto)biográficas” (Bragança, 2023, p.03).

Em Campinas, iniciei, em 2023, com os queridos professores Guilherme Prado e Renata Frauendorf, uma proposta de DNEP com um coletivo de docentes, vinculados ao Núcleo de Ação Educativa Descentralizada (NAED) da região Sudoeste de Campinas, com objetivo de contribuir com a produção coletiva de narrativas sobre as experiências pedagógicas vivenciadas pelos docentes no reordenamento curricular proposto a partir das necessidades de *ensinoaprendizagem*, após o retorno às atividades presenciais pelas escolas. Essa foi mais uma oportunidade de viver a partilha de experiências e a produção de saberes pedagógicos a partir dos cotidianos e do diálogo entre escolas e universidade.

Em Buenos Aires, participei do Programa *Narrativas en Pedagogía de la Memoria, Derechos Humanos y Participación Democrática del IDHUM, OEI y el Colectivo de Docente que hacen Investigación desde la Escuela*. Com generosa acolhida de Jane Rios e Gabriel Roizman, ingressei no grupo dinamizado pela professora Nora Catoira. Fui acolhida com alegria e, em um sábado pela manhã, participei de um encontro remoto do coletivo. A professora mediadora retomou o objetivo do grupo e do programa: documentar experiências

Encontros de vida pesquisa formação com a documentação narrativa de experiências pedagógicas

pedagógicas no contexto dos 40 anos de democracia na Argentina. Uma colega fez a leitura de uma emocionante narrativa e a comentamos oralmente.

Nas semanas que se seguiram, li o relato dos colegas, os comentários escritos, registrei também minhas contribuições e escrevi meu relato intitulado *La formación del profesorado y la pedagogía de la memoria: nombres de escuela o sobre recuerdos e historias*. O que poderia dizer a ditadura na Argentina? Caminhar pela Plaza de Mayo, visitar a exposição *Nietas/os*^{viii}, na sede do Ministério da Educação, conversar com professores... Tudo isso me levou ao encontro com minhas próprias experiências no Brasil... Na narrativa, partilho lampejos da trajetória de dois jovens, Edson Luis de Lima Souto e Ruy Frazão Soares, um assassinado e outro desaparecido político durante a ditadura cívico-militar no Brasil. Ambos dão nomes a escolas públicas, no Rio de Janeiro e em São Paulo, respectivamente. Conto a experiência de desenvolvimento de núcleos de memória nessas escolas como movimentos de (re)existência e questiono: “¿Qué nos dicen los nombres de las escuelas? ¿Trabajar sobre la memoria y la historia de las escuelas puede impulsar la lucha democrática cotidiana en Brasil, Argentina y América Latina?”.

Vivi a experiência de fazer parte do grupo de narradores, de ler e comentar o relato dos colegas e de dar a ler meu texto. Foi especial abrir o arquivo do drive e ler os comentários da professora Nora. Suas perguntas e contribuições a cada trecho de meu relato e ao relato como um todo me levaram à reescrita da narrativa:

He dejado para el final el esbozo de el título de esta narrativa. Un título que creo que es necesario conservar amorosamente hasta el momento que vos decidas cerrar la escritura de tu relato y volver a él.

Dos oraciones que abren a dos imágenes muy fuertes que me lleva a preguntarte.

¿Qué particularidad tenían esas aulas que vos habitaste, que sentimientos conservás de esos momentos?

Voy al día del piso pulido y de ese almuerzo, una imagen muy fuerte que sin duda sigue afectándote por lo cual resuenan hoy... Quizá puedas decirnos algo más.

Interesante esta idea de (re) leer el mundo, la vida y la escuela.

Cómo fue este proceso pedagógico, cómo ayudaron esos maestros, que huellas te han dejado (son algunas cuestiones que me inquietan desde mi formación) quizá quieras contarnos algo más, muy interesante esta idea de vivir un polo de memoria y narración. En mis inquietudes está saber cómo fue esa experiencia vivencial.

Y entre memorias, recuerdos llegamos a tu trabajo actual un proyecto sobre memoria e historia ligada al nombre de un joven.

Un proyecto que sería interesante puedas contarnos en estos tiempos en pos de estas luchas colectivas.

(Nora Catoira, outubro de 2023)

Os comentários da professora Nora chegaram como uma “carta do abraço” (Faria; Bragança, 2023), com uma tonalidade de acolhida, apresentando questões que me mobilizaram a escrever mais, a retomar, a refletir sobre o enredo narrativo. Esses comentários apontam para o movimento que considero, especialmente, significativo da DNEP: a construção partilhada das narrativas pedagógicas.

Em 2022, eu havia vivenciado com Juliana Faria a mediação do dispositivo; naquele contexto me coloquei no lugar de quem lê, comenta, organiza e mobiliza o grupo nos encontros da DNEP. Em suas figuras antropológicas, Josso (2010) aponta para a metáfora do ancião: é importante que aquele que orienta movimentos de escrita de si tenha também a experiência de estar no lugar da escrita e da escuta atenta. A experiência de ocupar o lugar de narradora, na Argentina, em 2023, foi, assim, especialmente formadora, dar a ler meu texto, receber comentários, ler e comentar textos dos colegas da comunidade narradora, tal como escrevo para a professora mediadora.

*Querida Nora,
¡Gracias por los comentarios!
Tus preguntas movilizan mis reflexiones y las ganas de seguir escribiendo...
Gran abrazo.*

(Inês Bragança, outubro de 2023)

O dia 26 de outubro de 2023 foi um acontecimento autobiográfico da experiência na Argentina e com a DNEP. Estivemos juntos na *Casa de la Militancia* para um encontro que reafirmou as relações entre memória, direitos humanos e pedagogia. Foi bonito ver chegar um ônibus cheio de estudantes dos Institutos de Educação para passarem a manhã conosco; foi emocionante ter conosco a professora aposentada e sobrevivente da ditadura, Emma Le Bozec, que leu um poema publicado em seu último livro, “poemas sobreviventes”... (Bozec, 2023).

Escuto a leitura, sem fôlego, lembro de Célia Linhares e Lucia Velloso.

(Inês Bragança, Diário de itinerância, 26 de outubro de 2023.)

A presença e a partilha da história da professora Emma nos deslocou. Duas amigas já haviam me ensinado sobre o obscurantismo e o terror da ditadura com suas próprias histórias de vida. Célia Linhares, minha amiga e orientadora de *vidapesquisaformação* e irmã de Ruy Frazão Soares, militante da Ação Popular (organização política de esquerda), que foi visto pela

última vez em Petrolina, Pernambuco, e seu corpo nunca encontrado ilustra esse cenário. Acompanhei também a luta de Celia no grupo *Tortura nunca mais* em defesa da democracia e as histórias de sua família na busca pelo reconhecimento e memória. Em Niterói, uma escola tem o nome de Ruy Soares. Já, Lúcia Velloso Maurício, professora aposentada da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, foi presa durante a ditadura cívico-militar e, em seu livro *Cacos de sonhos: Cartas de uma ex-prisioneira na Vila Militar (1971-1974)* (Maurício, 2015), partilha o cotidiano na prisão, enredada por uma história de amor. O livro consiste em uma coleção de cartas que escreveu para seu namorado, também encarcerado.

Na *Casa de la Militancia*, nos dividimos em grupo para leitura e comentário das narrativas produzidas no contexto da DNEP. Foi um encontro intergeracional, envolvendo professores em atuação, aposentados e estudantes. Após cada leitura, foram feitos muitos comentários e reflexões, apontando para o papel da Pedagogia da Memória na luta pela democracia.

Cheguei cedo, na companhia de Jane Rios e Helber Pacheco, logo percebi que o espaço consistia em um amplo conjunto arquitetônico da antiga *Escuela de Mecánica de la Armada* (ESMA), hoje todo destinado à memória e à história. Após o encontro, uma visita guiada à ESMA nos chocou com o horror da ditadura, o cerceamento da liberdade, a tortura... Na fala dos professores que compuseram a mesa do encontro, ficou o registro de que não se trata do passado, mas a reafirmação das lutas cotidianas pela democracia no presente e no futuro, uma memória-vida capaz de prometer (Bragança, 2012).

Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas: deslocamentos epistemopolíticos

As narrativas aqui partilhadas dão a *verpensar sentir* experiências que compõem o acervo de concepções e práticas *instituintes* de formação docente inventariadas pela pesquisa em rede. Elas narram movimentos de Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas coordenados e/ou vivenciados pelas pesquisadoras autoras, com coletivos discentes e docentes, no Brasil e na Argentina, nos anos de 2022 e 2023. Movimentos que tem gerado produções acadêmicas, como as já mencionadas ao longo do texto, e, por meio da partilha nas rodas de conversa da pesquisa em rede, reverberações nos coletivos participantes da pesquisa, ou seja, outros movimentos de *pesquisa formação* que se valem do conhecimento

produzido nessas experiências e seguem produzindo outras experiências, narrativas e conhecimentos (cf. Faria et al, 2025; Bragança; Frauendorf; Prado, 2025).

Se os encontros são vividos em territórios, mediados pelo tempo e pelo trabalho, como acolhida, “residência, trocas materiais, espirituais”, “exercício da vida”, da hospitalidade, é preciso também dizer que encontros e territórios não são neutros, nem passivos. “[...] Produz-se uma verdadeira esquizofrenia, já que os lugares escolhidos acolhem e beneficiam os vetores da racionalidade dominante, mas também permitem a emergência de outras formas de vida [...]” (Santos, 2010, p. 80). Milton Santos, em contraponto à globalização vertical, nos convida a perspectivar o espaço em sua vocação solidária, em que, ao “contrário da ordem imposta, nos espaços de fluxos [...], nos espaços banais se recria a ideia e o fato da política” (Santos, 2010, p. 112).

À pesquisa em rede “experiências instituintes de formação docente” interessa o banal. Gallo (2002, p.172) nos ajuda a pensar esse movimento, apontando para o “menor” como lugar que desejamos habitar...

As políticas, os parâmetros, as diretrizes da educação maior estão sempre a nos dizer o que ensinar, como ensinar, para quem ensinar, porque ensinar. [...] A literatura menor subverte essa realidade, desintegra esse real, nos arranca desse território, dessa tradição, dessa cultura. Uma literatura menor faz com que as raízes aflorem e fluem, escapando desta territorialidade forçada. Ela nos remete a buscas, a novos encontros e novas fugas.

As experiências de DNEP que compartilhamos, no contexto de uma rede de pesquisa polifônica, transbordam em desejos de transitar e habitar *espaçotempos* menores, potentes em modos outros de *viverpesquisarformar*, em uma multiplicidade rizomática que se expressa nas narrativas produzidas. As palavras que nos movem se apresentam como noções, potências que se entrelaçam de forma complexa, indissociáveis, tecidas junto (Morin; Le Moigne, 2000). Assim, toda tentativa de separação ou de evidenciar um conhecimento que se descola da experiência narrada é apenas didática, precária, perigosa. *Viver, pesquisar e formar* narrativamente atravessam modos de estar no mundo, com os outros...

Nas palavras da professora Célia Linhares (2007, p.147):

[...] movimentos poucos percebidos e, portanto, menos ainda, valorados (p.139)
[...] processos que vão potencializando os fluxos de criação de outras formas de convivência (p. 146)
[...] sentimento de solidariedade aberto às incluídas (p.145);
[...] sobretudo de valorizar o miudinho da vida, recriando-o numa outra ordem de valores, sem a expectativa de aplausos e brilhos.

Assim, tematizar e narrar a vida é uma convocatória à construção de uma vida que se impõe não por ser de alguma forma útil (Krenak, 2020), conformada aos ensinamentos modernos. Uma vida que não restringe o humano ao *homo sapiens*, mas lhe permite transcender e dialogar com os rios, com as pedras, com as florestas, com os animais e com outros seres humanos. Uma vida humana em plenitude. Maturana (2002), a partir da Biologia, fala da vida como *poièsis*, como autoprodução dos organismos vivos, nos ajudando a perspectivar uma totalidade complexa. Para ele, “viver e conhecer são mecanismos vitais”.

Em nossa pesquisa em rede, ao viver a formação e a profissão docente na escola, na universidade, nos movimentos sociais, narramos, (com)partilhamos desafios, “não saberes”, construções com crianças desde as menores até as maiores, com jovens, adultos, idosos. Gostamos de ouvir histórias, nos interessamos pelo que pulsa, por saberes “menores” que seguem nos encantando, mobilizando questões que, em conjunto, configuram campos problemáticos sempre movediços das pesquisas, de uma produção do conhecimento em educação que, ao mesmo tempo, dialoga com as ciências, as artes, os saberes populares, a filosofia (Ribetto; Bragança, 2023).

A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. Uma biografia: alguém nasceu, fez isso, fez aquilo, cresceu, fundou uma cidade, inventou o fordismo, fez a revolução, fez um foguete, foi para o espaço; tudo isso é uma historinha ridícula. Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos que ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência. Se continuarmos comendo o planeta, vamos todos sobreviver por só mais um dia (Krenak, 2020, p. 108).

Desejamos vida, pesquisa e formação que não sejam úteis! Que ultrapassem as exigências técnicas do relatório solicitado pela secretaria de educação, da dissertação, da tese; que sejam escritas para (re)existir, para fabricar enredos que digam do que estamos sendo. Escrever leve, escrever solto, escrever da, sobre, com a vida, escrever as experiências. Uma escrita que, sendo (auto)biográfica, subverte o cânone das autobiografias clássicas, entra pelo meio, fica no desconforto dos *entrelugares* e partilha lampejos.

Referências

BOZEC, Emma. **Poemas sobreviventes**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Acercándonos Editorial, 2023.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; FRAUENDORF, Renata Barroso Siqueira; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Comunidade narradora em partilha escola-universidade: Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas no Núcleo de Ação Educativa Descentralizada (Naed) Sudoeste – Secretaria de Educação Municipal de Campinas. **Revista Currículo em Ação**, Naed Sudoeste, 2025, volume especial. Disponível em: <https://educa.campinas.sp.gov.br/sites/educa.campinas.sp.gov.br/files/2025-09/Revista%20Naed%20Sudoeste%20-%20Curr%C3%ADculo%20em%20a%C3%A7%C3%A3o%20-%20Edi%C3%A7%C3%A3o%20Especial%20-%20Volume%203%20-%202025.pdf> Acesso em: 31 out. 2025.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de Vida e Formação de Professores: Diálogos entre Brasil e Portugal**. Rio de Janeiro: EDUERJ/FAPERJ, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114698>. Acesso em: 31 out. 2025.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Plano de trabalho**. Campinas, UNICAMP, 2023.

ALVES, Nilda. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educação e Sociedade**, 31(113), 1195-1212, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400008>. Acesso em: 31 out. 2025.

BUSTELO, Cynthia. **Experiencias de formación en contextos de encierro: un abordaje pedagógico desde la perspectiva narrativa y (auto)biográfica**, 2016. 259 f. Tesis (Doctorado). Universidad de Buenos Aires – Buenos Aires, 2016.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1: As artes de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DÁVILA, Paula. **Escribir e interpretar la experiencia docente. La documentación narrativa de prácticas pedagógicas**, 2014. Tesis (Maestría). 183 f. Universidad de Buenos Aires – Buenos Aires, 2014.

FARIA, Juliana Batista. **O naufrágio, o baile e a narrativa de uma pesquisa: experiências de formação de sujeitos em imersão docente**. Tese (Doutorado). 2018. 385 f. Belo Horizonte: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2018. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-BA8PTQ>. Acesso em: 09 jun. 2023.

FARIA, Juliana Batista; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Documentação narrativa de experiências pedagógicas no curso de pedagogia: a “carta do abraço”. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, [S. l.], v. 15, n. 33, p. 89–99, 2023. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/702>. Acesso em: 1 mar. 2024.

FARIA, Juliana Batista; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; DOMINGOS, Jemima Dalbo (Org.). **De Estudante para Estudante: Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas na Formação Docente Universitária**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024b, 128p .

FARIA, Juliana Batista; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; DOMINGOS, Jemima Dalbo. De Estudante para Estudante: flores que se abrem em narrativas pedagógicas. FARIA, Juliana Batista; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; DOMINGOS, Jemima Dalbo (Org.). **De Estudante**

para Estudante: Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas na Formação Docente Universitária. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024a, p. 19-28.

FARIA, Juliana Batista; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Documentação narrativa de experiências pedagógicas: a tematização como trabalho hermenêutico da pesquisa. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 27, p. e025011, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8677357>. Acesso em: 29 jun. 2025.

FARIA, Juliana Batista; PRATES, André Mota; MATOS, Giovanna Bonatti Gomes de; CARVALHO, Giovanna Costa de; COSTA, Taísa Emanuely Alves. Oceano, caminho, viagem: uma tematização pedagógica sobre como nos tornamos professores/as (e) narradores/as. **Revista Ponto de Vista**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 01–20, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/21281>. Acesso em: 31 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, 27(2): 169-178, julho/dez.2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

LINHARES, Celia. Experiências instituintes na educação pública? Alguns porquês dessa busca. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 16, n. 31, maio.-ago. 2007. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/5192/3423> Acesso em: 29 jun. 2025.

MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MAURÍCIO, Lúcia Velloso. **Cacos de sonho: cartas de uma ex-prisioneira na Vila Militar (1971-1974)**. Rio de Janeiro, Ponteiro, 2015.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. São Paulo: Peirópolis, 2000.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (Org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RIBETTO, Anelice; BRAGANCA, Inês Ferreira de Souza. Viver, narrar, pesquisar, formar e escrever na pandemia. In: ARAÚJO, Mairce; TAVARES, Maria Tereza Goudard; LAGOS, Natália. **Resistências Políticas e Poéticas na vida e na Educação**: Regina Leite Garcia. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2023.

RICOEUR, Paul. A vida: uma narrativa em busca de narrador. In: RICOEUR, Paul. **Escritos e Conferências 1: Em torno da Psicanálise**. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 197-211.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa (tomo I)**. Campinas: Papirus, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record: 2010.

SUÁREZ, Daniel Hugo. El giro pedagógico en el Currículum, la formación y el oficio de enseñar: experiencias, principios e inspiraciones con investigaciones narrativas en educación. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 21, p. 1-24, 2023.

SUÁREZ, Daniel Hugo. Escribir, leer y conversar entre docentes en torno de relatos de experiencia. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 03, p. 480-497, set/dez. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2999>. Acesso em: 12 ago. 2022.

SUÁREZ, Daniel Hugo; DÁVILA, Paula; ARGNANI, Agustina; CARESSA, Yanina. **Documentación narrativa de experiencias pedagógicas: una propuesta de investigación-formación-acción entre docentes**. Buenos Aires: FFyL/UBA, 2021. Disponível em: <http://publicaciones.filo.uba.ar/sites/publicaciones.filo.uba.ar/files/Documentacio%CC%81n%20narrativa%20de%20experiencias%20pedago%CC%81gicas.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2022.

SUÁREZ, Daniel Hugo; GRANGEIRO, Danise; MURILLO-ARANGO, Gabriel Jaime; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; FARIA, Juliana Batista Faria. **Narrativas em redes de investigação-formação** [e-book]. Campinas, SP: FE/UNICAMP; Buenos Aires: UBA, 2025. 646p. (Colección Narrativas, (Auto)Biografías y Educación). Disponível em: <https://editora.fe.unicamp.br/index.php/fe/catalog/book/narrativas>. Acesso em: 28 de setembro de 2025.

TRINDADE, Regina Aparecida Correia. **Narrativas em movimentos instituintes de formação entre redes e coletivos docentes latino- americanos: diálogos freirianos em espaços tempos pandêmicos**. 218f. Tese de Doutorado, FFP/UERJ, 2023.

Notas

ⁱ Projeto Experiências instituintes de formação docente, uma abordagem narrativa (auto)biográfica: diálogos latino-americanos – CNPq – Processo 409860/2021-2.

ⁱⁱ Inspiradas nos estudos nos/dos/com os cotidianos escolares (Alves, 2010), juntamos palavras, subvertendo a língua portuguesa e cânones acadêmicos para, de forma “insubordinada”, apontar para as multiplicidades e atravessamentos entre noções e conceitos que só se dizem de forma indissociável.

ⁱⁱⁱ Narrativa da segunda autora.

^{iv} Trecho da letra da canção “Coração de Estudante”, escrita por Milton Nascimento. A música instrumental foi composta originalmente por Wagner Tiso. A canção foi gravada por Milton Nascimento no álbum “Amigo”, de 1995, pela gravadora WEA, Informações obtidas em <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/amigo>. Acesso em 04.07.2024.

^v Seminário intitulado *Formación docente, investigación educativa y narrativas autobiográficas. La documentación narrativa de experiencias pedagógicas como estrategia de investigación-formación-acción*, ofertado no 1º semestre de 2016.

^{vi} Como a maioria dos estudantes era composta por mulheres, passo a mencionar o grupo de participantes da pesquisa utilizando a flexão feminina de gênero.

^{vii} Narrativa da primeira autora.

^{viii} “*Las Abuelas de Plaza de Mayo llevamos más de cuatro décadas buscando a nuestros nietos y nietas, apropiados por el terrorismo de Estado y sus cómplices. Aunque ya hemos resuelto 130 casos, aún quedan cerca de 300 hombres y mujeres por encontrar. [...] Nietos/as, a través de sus miradas, despertar a aquel que aún no se animó a indagar en su pasado*”. Exposição no Palacio Sarmiento, 2023.

Sobre as autoras

Inês Ferreira de Souza Bragança

Professora Livre-Docente na Área de Educação Escolar da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e docente colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação Processos Formativos e Desigualdades Sociais da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Coordena o Grupo Interinstitucional de *Pesquisa formação Polifonia* (<https://grupopolifonia.wordpress.com>) e a pesquisa em rede *Experiências instituintes de formação docente - CNPq* (<https://pesquisasemrede.wordpress.com>).

E-mail: inesfsb@unicamp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4782-1167>

Juliana Batista Faria

Professora da Unidade Especial de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG, com doutorado sanduíche na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Foi professora pesquisadora do Programa de Pesquisador de Pós-Doutorado da UNICAMP (2022), junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada (GEPEC). Integrante do Grupo Interinstitucional de *Pesquisa formação Polifonia* (UNICAMP/UERJ) e coordenadora do grupo NarraPID – Narrativas Pedagógicas sobre Imersão na Docência (UFMG).

E-mail: julianabatista@ufmg.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1315-0094>

Recebido em: 05/11/2025

Aceito para publicação em: 04/09/2025